



rumores e ruídos

ALÍNGUA DE CAETANO

“E deixa que digam, que pensem, que falem.” Assim termina a letra da canção “Língua”, de Caetano Veloso. Fala, Caetano! Que Antônio Carlos Magalhães se vestia bem, que Osama bin Laden era um homem bonito, que Barack Obama tem um modo elegante e correto de falar, que Leonardo DiCaprio é para ser devorado! Polemista de longa data, hábil no manejo da língua, não perdeu a verve e, para honrar a herança baiana de Gregório de Matos, o “Boca do Inferno”, continua disparando sua língua de fogo no cenário político, cultural e linguístico do país.

No ano passado, em sua coluna dominical, no “Segundo Caderno” do jornal O Globo, fez valer a atenção dedicada à nossa língua, a que sempre reverenciou, ainda que a remexendo, esgarçando-a, mas, sobretudo, potencializando-a. A propósito da publicação do livro didático “Por uma vida melhor”, de Heloisa Ramos, que ganhou as páginas da mídia impressa e as pautas da mídia televisiva, saiu, bem a seu modo, com provocações inteligentes, distribuindo informações e contestações sobre a obra – que ainda não havia lido, mas que leria –, sobre as orientações linguísticas dos falares brasileiros e sobre a “ vaidade arrogante ” de sociolinguistas petistas, enciumados do “grande sucesso que fazem os professores de gramática, que oferecendo aquilo de que tem sede a grande massa, ocupam espaços em jornais e tempo no rádio e na TV”. Esse é o nosso Caetano, detrator e arauto, que, sem pudores e receios, admite, ao final do artigo, que sua “aparente indefinição” não deveria atrapalhar o desejo de criar “uma vida melhor”, expressão que intitula o livro e o artigo de 22/05/2011

Vale a pena conferi-lo para que retomemos a discussão sobre o reconhecimento, em livros didáticos, das variantes populares de nossa língua, como na marcação da concordância nominal apenas pela pluralização do artigo no sintagma “os peixe”, atestando que as normas linguísticas emergem dos padrões de uso do povo, vêm da boca do povo, como já bem nos advertiu



Manuel Bandeira em “Evocação do Recife” : “... na língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”. Ou para que observemos que se enganam os que pensam que Caetano, ao triturar a língua, que ele sabe ser sua pátria, ou melhor, sua matéria, abandona o apreço e a necessidade de reafirmar “uma mínima lógica que a mantém de pé e a faz mais capaz”. Ou para que pensemos com ele “o que quer o que pode essa língua?”

Caetano gosta de sentir a sua língua roçar a língua de Luís de Camões, por isso é que cria confusões de prosódias e profusões de paródias, por isso é que, exímio conhecedor de nossos falares, transita entre eles como camaleão, ora se agarrando às construções mais requintadas de nossa “flor do Lácio”, ora reforçando nossa feliz mulatização, nossa “lusamérica”, nosso “latim em pó”.

Ocorrem-me alguns exemplos entre muitos outros possíveis de como ele a faz mais capaz, como no silêncio, no não-dito da canção “Etc”. Sabemos que “etc” é a abreviatura da expressão latina “et coetera” (e as demais coisas). Normalmente é utilizada para evitar longas enumerações: Comprou na feira legumes, verdura, frutas, etc. Quando Caetano canta “Estou sozinho, estou triste, etc”, identificamos o emprego convencional desta abreviatura que cumpre a função normativa de suprimir outras expressões que seriam enumeradas e que possuiriam sentido equivalente. Mas, ao dizer “Quem virá com a nova brisa que penetra?/ Pelas frestas do meu ninho./ Quem insiste em anunciar-se no desejo./ Quem tanto não vejo ainda./ Vem, pessoa secreta./ Vem, te chamo./ Vem/ Etc”, subverte a expectativa de uma sequência e usa o signo linguístico para, pelo não-dito, deixar que ouvintes e leitores preencham, com o espaço da imaginação, o convite: “Vem etc”. Talvez porque o que seria dito já seja de conhecimento geral, talvez para que cada um possa particularizar sua fantasia. Ao empregar a abreviatura “etc” depois de um verbo, não comete uma infração, usa, no entanto, uma possibilidade menos prevista na língua.

Na contramão do uso pronominal do português do Brasil que diz “me dá um cigarro, camarada”, como já nos ensinou Oswald de Andrade, pede bênção à “flor do Lácio”, talvez para manter a prosódia, em “Rapte-me,



rumores e ruídos

camaleoa”, “adapte-me, capte-me”, mas não se furta à manemolência gostosa da língua em nossa pátria. Entre ênclises e próclises, rapta e adapta a língua de Camões a uma cama boa. Ou não!

No desabafo “Não enche”, composição mais recente, legitima todo o coloquialismo do nosso falar do dia a dia em próclises, gírias e corruptelas: “Me larga, não enche/ Me deixa viver, me deixa viver/ Cuidado, oxente!” Vagaba, piranha, vadia, “prá rua!/se manda!”, “me deixa gozar, me deixa gozar”. E assim roçar a sua língua na língua de Luís de Camões.

Salve, Caetano de todos os santos!

